

HISTÓRIA, IMPRENSA E REDES DE COMUNICAÇÃO*

*Marta Emisia Jacinto Barbosa***

*Jorge Luiz Ferreira Lima****

RESUMO: A investigação a respeito da constituição de redes de comunicação na região norte do Ceará propõe desvendar a materialidade destas, dar visibilidade aos sujeitos sociais e às experiências que as constituem. O trabalho explora percursos de produção e difusão de materiais impressos, pequenos fragmentos que, reunidos, possibilitam pensar em sistemas de troca de informações, constituição de relações sociais na organização da instrução, no aprendizado da leitura e da escrita, bem como na definição do que é importante conhecer, aprender, nas pequenas cidades do sertão.

PALAVRAS-CHAVE: História e Cultura. Imprensa. Redes de Comunicação.

ABSTRACT: The research concerning the establishment of communication networks in the North of Ceará proposes reveals its materiality, as well as to give visibility to social subjects and experiences that constitute it. The work explores pathways for the production and dissemination of printed materials, small pieces that, together, allow us to think on information exchange systems, creation of social relations in the instruction organization of the learning of reading and writing, as well as it helps in the definition of what it is important to know, learn, in small cities of the *Sertão*.

* Este artigo apresenta questões trabalhadas a partir do projeto de pesquisa "Imprensa e vida urbana: redes de comunicação na região norte do estado do Ceará", desenvolvido com apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

** Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social.

*** Professor da rede pública de ensino do Ceará. Licenciado em História.

KEYWORDS: History and Culture. Press. Communication Networks.

Antonio Bezerra afirmava que “uma cidade sem jornal é como a fonte sem água”. Para ele, “o jornal é o livro do povo, e onde o povo não lê não se instrui, a ignorância alimenta as paixões, avulta a estatística dos crimes”. Estes comentários foram feitos pelo autor no livro *Notas de viagem*, que relata sua viagem, em comissão, pelo sertão do Ceará no final do século XIX. Bezerra, naquele momento, acenava para uma preocupação: observar um sertão que lê, um sertão dos livros, dos jornais, da escrita e da leitura.¹

Nos caminhos pelos quais passava, aquele viajante anotava o que via e reunia novas informações a suas lembranças, de tal maneira que parecia inevitável comparar cada recanto atravessado com um outro que se avistava à frente. Em seu livro, coube lugar para revelar surpresas que o sertão guardava; entre elas, a presença de jornais a circular por entre os caminhos dos sertões cearenses.

A definição usada por Bezerra, quando se refere ao jornal enquanto “livro do povo”, merece a nossa atenção para pensar nos significados de uma prática: a produção de folhas, jornais, nesses espaços, mas, especialmente, a maneira como se dava o processo de difusão desses materiais que, podemos dizer, compunham redes de comunicações que insinuavam novas relações sociais a se constituírem no sertão. As passagens de Bezerra provocam uma associação com o que diz Natalie Davis, em seu texto “O povo e a palavra impressa”, a respeito de como a palavra impressa entrou na vida popular no século XVI e criou novas redes

¹ BEZERRA, Antonio. *Notas de viagem*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1935, p. 71. Sua primeira edição data do ano de 1899, publicada pela Tip. Econômica, com o título *Província do Ceará – Notas de viagem (Parte Norte)*. Para o historiador Raimundo Girão, Bezerra foi um jornalista que esteve envolvido na fundação de jornais, colaborando intensamente com sua produção.

de comunicação, provocou a abertura de novas opções para o povo e também ofereceu, segundo a autora, novas formas de controlá-lo.²

A esta idéia discutida por Davis, segue-se um conjunto de perguntas que desenha um campo de investigação para o historiador atento a novas relações que podem ser pensadas e que apontam para entendermos outras experiências na história. Entre as indagações da autora, uma nos perseguirá: “será que a palavra impressa tinha tal importância *para o povo* num período em que os alfabetizados ainda eram tão poucos?”.

As observações de Bezerra sobre a presença de livros e de jornais no sertão cearense do século XIX sugerem de imediato pensar sobre como se constituiu um circuito de materiais de escrita e leitura naqueles espaços distantes. Ao mesmo tempo em que nos instiga investigar o que constituiu esta experiência, quais eram os sujeitos envolvidos, suas formas de acesso a diversos materiais, enfim, a rede que a compunha.

Barão de Studart e Geraldo Nobre, escrevendo sobre a imprensa no Ceará, destacam que a primeira metade do século XX foi um período de crescimento da imprensa cearense, quando se verifica um aumento na quantidade de títulos e uma intensificação das atividades nas tipografias, tanto em Fortaleza, quanto, segundo os autores, no interior do estado. A presença de escolas, do Liceu, da Faculdade de Direito, por exemplo, movimentou novas publicações, ao mesmo tempo em que se organizavam grupos literários e grupos de trabalhadores, como o dos telegrafistas. Ao comentar a existência de um jornal chamado *O Ceará Telegráfico*, como o primeiro a marcar a presença dos telegrafistas no jornalismo cearense, Geraldo Nobre o qualifica como importante espaço de formação de jornalistas.³

² DAVIS, Natalie Zemon. “O povo e a palavra impressa”. In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 157-186.

³ NOBRE, Geraldo *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974, p. 92.

A chegada de algumas tipografias no interior da província, nas primeiras décadas do século XIX, principiou o que aquele autor denominou como o jornalismo “sertanejo”, os primeiros jornais impressos do interior. Em Fortaleza, o número de tipografias ligadas às atividades jornalísticas crescia: ao passo em que algumas não sobreviveriam às dificuldades financeiras, outras permaneceriam imprimindo para distintos grupos, chegando a imprimir para mais de um jornal.⁴ O final do século XIX assinalou, para a imprensa cearense, um momento de importante definição. O surgimento de jornais de cunho mais informativo começou a expor várias dificuldades vividas pela população pobre da capital e do interior. Indivíduos e grupos nas pequenas cidades do interior consumiam jornais, revistas e criavam um circuito de leitura.

Nobre caracteriza esta intensa atividade da imprensa cearense como concernente a um universo de pequenas publicações em que a maioria se caracteriza como “jornais e revistas de pequeno formato e de reduzido número de páginas, predominando as literárias, as noticiosas, as estudantis, as de instrução ou propaganda religiosa, os órgãos de associações e, ainda, os ‘pasquins’, geralmente apócrifos e escritos em linguagem licenciosa”.⁵

A partir desses estudos, é possível indicar a existência de vários jornais surgindo no interior do estado e observar que alguns podiam até contar com oficinas próprias, onde se fazia também a publicação de folhas de outras localidades. De caráter quinzenal ou semanal, esses jornais circulavam por algum tempo, em Sobral, Baturité, Granja, Camocim, Crato, Maranguape e outras cidades, que possuíam mais de um título pelos arredores. As indicações fornecidas pelos autores são importantes para formular uma visão mais ampla do processo de produção de uma rede com ramificações que podem dar visibilidade à experiência do viver e do fazer a palavra impressa.

⁴ As principais tipografias pertenciam aos jornais *O Cearense*, *Constituição* e *Pedro II*. Outras, porém, exerceram atividades na província: *Brasileira*, *Americana*, *Industrial*, *Imparcial*, *União*, *Popular*, *do Comércio*, etc. Idem, *ibidem*.

⁵ *Ibidem*, p. 128.

As pequenas folhas semanais e quinzenais dedicavam-se a informações gerais sobre política, literatura, economia, algumas ao humor, e viviam, muitas vezes, nos limites de recursos técnicos. Mas, entre suas linhas e páginas, indiciavam a presença de diferentes produtores desses materiais. Nobre lembra que grande parte dos redatores, colaboradores e repórteres dos jornais da capital, Fortaleza, teria vindo do interior do Ceará. Composto esse quadro de fazedores da imprensa local, era possível perceber a presença de padres, bacharéis, estudantes do Liceu.⁶

No longo relato de Antonio Bezerra, em que se ressaltava a surpresa com a descoberta de um sertão que lê, que produz jornal, verificam-se fragmentos da existência de leitura e de leitores. Ao chegar em Santana, por exemplo, cidade da região norte do Ceará, suas anotações ponderavam sobre a falta de instrução no sertão e sobre a escassez de escolas. Esta preocupação continuaria por toda sua longa viagem, quando se referia aos sertanejos pobres que viviam mergulhados na “ingenuidade do sertão”. Tais traços no movimento destas “notas” sugerem que, entre o “livro do povo” e a “ingenuidade do sertão”, existia um filtro por onde as informações circulavam e eram transformadas. Marcado por uma visão de mundo que dividia a sociedade entre o atraso e o progresso, Bezerra apresentava o sertão em seus “defeitos”, decorrentes de uma situação de “atraso”, e também no que de extraordinário podia existir, como um alento diante da ignorância que cobria os mais distantes lugares:

Apesar destes e outros defeitos que denunciam ainda a falta de educação nas classes inferiores de nossa sociedade, não posso no entanto deixar de assinalar aqui um melhoramento na cidade de Santana que, se ainda não teve a devida amplitude, em todo caso concorre heroicamente para dissipar essa ignorância com a propagação de idéias novas, conhecimentos úteis e experiências da vida.

⁶ *Ibidem*, p. 19.

Falo dos jornais que se publicam hebdomadariamente, e que são redigidos por penas hábeis.

Acontecendo ir uma ocasião à agência do Correio, surpreendeu-me ver diversos jornais da Europa com endereço ao Município de Santana, que conta atualmente quatro anos de existência e tem o seu escritório na rua do Coronel Menescal, nº.2.

Mais uma vez me convenci da importância desta via do progresso, que transmite por todos os ângulos do universo seus pensamentos e recebe em franca intimidade os dos outros que têm o mesmo fim, o mesmo destino, presos à mesma ideia que é a aspiração à perfectibilidade humana em cujo trabalho representa cada um o elo de uma grande cadeia, com a mesma simpatia com que o fluido elétrico se transporta de um a outro ponto, a comunicar, a difundir, a vulgarizar o aperfeiçoamento das artes, das letras, das ciências, da indústria, do comércio e da política.⁷

As observações registradas pelo autor nos advertem na necessidade de investigar sobre quem eram os sujeitos leitores do sertão, sobre quem importava e distribuía os jornais, sobre o processo que tornou possível essa circulação. A constatação de que naqueles locais “sem fim” a palavra impressa era alvo de atenção fornece pistas para perseguir os sujeitos, os grupos, que habitam um sertão; e mais, pistas de que a alfabetização, a biblioteca, os grupos de leitura podem ter sido uma experiência significativa na composição de uma vida urbana no sertão; pistas importantes para compreender a história das cidades do interior, para captar sua dinâmica própria, suas relações de força em meio a modos de vida diversos.

A essa descoberta alia-se um expressivo componente na trajetória da difusão: as agências do correio como pontos de conexão. O que sugere pensar na materialidade do processo de distribuição e difusão dos materiais impressos como relação que constitui uma prática, uma maneira de se relacionar e de transformar maneiras de viver.

⁷ BEZERRA, Antonio. *Notas de viagem*. *Op. cit.*, p. 71.

Embora fosse reconhecido como “via do progresso” que podia “dissipar ignorância”, “propagar idéias novas”, além de levar “conhecimentos úteis a experiências da vida”, um meio com grande poder de expansão, o jornal divulgou um Ceará quase sempre miserável mergulhado na “ignorância”. O progresso, para o autor, ainda estava longe.

Mesmo ao discorrer sobre um caso excepcional, “que ainda não teve a devida amplitude”, por alguns momentos, na escrita de Bezerra, a imagem do sertão isolado se inverte e aparece um sertão que se comunica. Suas reflexões indicam a organização de uma “grande cadeia” que comunica, difunde, vulgariza um universo de conhecimentos, de informações, que estimula “o aperfeiçoamento das artes, das letras, das ciências, da indústria, do comércio e da política”. O desdobramento da comunicação em muitas facetas da vida de cidades, apontado pelo autor, agrega para essas relações sujeitos que estão em diferentes pontos da vida social: o comerciante, o político, o médico, o professor, os importadores, os tropeiros e tantos que fazem parte da formulação dessa cadeia.

Em 1903, na passagem do século XIX para o século XX, observam-se sinais de recorrências daquilo que Bezerra já havia atestado. Em um pequeno jornal do Crato, sul do Ceará, vê-se publicar em coluna de editorial, na primeira página, um texto com o título “A Imprensa”:

Ninguém poderá contestar que a imprensa tem sido e será sempre o mais poderoso factor do progresso – instruindo os povos e combatendo abusos e preconceitos [...]. Tudo elle procura desvendar e revestir da verdade levando com felicidade e presteza os úteis resultados obtidos, ao conhecimento do mundo civilizado por meio do jornal e do livro.⁸

⁸ A IMPRENSA. *A Liça*, Crato, 23 de setembro de 1903, p. 1. “Jornal litterário e noticioso – orgam do Club Romeiros do Porvir”. Compunha-se por quatro páginas e três colunas, saía às quartas-feiras, informava aos leitores que era redigido por uma “turma de clubistas” e contava com a colaboração de “moços do nosso meio”. Afirmava sempre em sua primeira página: “Tudo pela pátria....”.

As associações entre imprensa e progresso, livro e jornal, mundo civilizado e não-civilizado continuavam vivas entre aqueles que produziam jornal no interior do Ceará e em Fortaleza. A ênfase dada à imprensa enquanto defensora e guia do povo persistia e atravessava o século, com as disputas entre os jornais, sobre quem mais advogava a causa do povo. Um povo que continuava a aparecer imerso numa abstração, um ser genérico, mas que assumia, por vezes, contornos concretos em convenientes matérias, como “Em favor dos pobres”, “Pelos pobres”, quando se podia inferir mais claramente sobre a quais sujeitos a imprensa se referia.

Acompanhar os caminhos de Bezerra, naquele momento desvendando o sertão, tornou instigante a pesquisa e a reflexão a respeito da maneira pela qual se constituiu, na região norte do Ceará, uma rede de comunicação no período compreendido entre a última década do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Nas pistas deixadas por Bezerra, podemos considerar um esboço de uma trajetória social que se desenhava já no final do século XIX e que hoje, com as novas e complexas configurações de comunicação, merece investigação.

A formação de redes de comunicação aqui destacadas tem sentido na definição anotada por Robert Darnton: “rede de comunicação composta por artérias, veias e capilares e que leva em conta todos os estágios do processo de produção e distribuição”.⁹ Essa perspectiva apontada por Darnton coloca a relação entre história e imprensa em um campo onde possamos considerá-la como objeto e não apenas como fonte fornecedora de informações. Nesse sentido, importa indagar sobre a constituição material dos percursos e dos materiais impressos, considerando o processo de constituição da imprensa no campo da história social; o que implica no reconhecimento da imprensa como prática social, momento em que se forjam modos de viver e pensar.

Os procedimentos investigativos, definidos ao longo da pesquisa, são etapas que expõem o universo de dificuldades por que

⁹ Ver DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

passa o historiador. Investigar pequenos rastros de experiências, fragmentadas, registradas nos diversos espaços, coloca o pesquisador sempre numa zona de testes, de experimentações constantes. Para enfrentar esse universo, a pesquisa procurou mapear acervos de livros, jornais, cartas comerciais e particulares, revistas e demais materiais impressos que circularam naquela região durante o período.

Descobrir acervos, construir acessos e identificá-los é uma trajetória necessária para começar a desvendar a existência de fios que podem nos conduzir para uma intrincada rede de contatos, de sociabilidades, de informações, cuja configuração tornou possível visualizar ligações entre o litoral, a partir da cidade de Camocim e seu porto, e o interior – Vale do Acaraú e Serra da Ibiapaba –, chegando até o estado do Piauí, através da Estrada de Ferro de Sobral.

A configuração desse circuito leva à consideração de que nos sertões do norte do Ceará e na região da Serra da Ibiapaba, especialmente no final do século XIX, não havia uma população rude, incivilizada e distante do progresso, características difundidas no período. É possível caracterizar esses espaços como campos de uma cultura letrada se fazendo pouco a pouco, onde se nota o movimento da alfabetização, a constituição da instrução nas primeiras letras e, por que não dizer, através da implantação de instituições de leitura e escrita, cujo exemplo mais comum eram os gabinetes de leitura e a produção e circulação de jornais.

A descoberta de jornais, de homens que escreviam para a imprensa, tanto local quanto de outras regiões do país, e de gabinetes de leitura na região provocou a necessidade de pensar sobre os significados da presença de idéias recorrentes no período: civilização, letramento e conquista do progresso com ênfase no campo da educação. Em contraponto à existência do estereótipo que define o norte-cearense, nesse período, como espaço do homem inculto, analfabeto e estranho às letras, passa a surgir a possibilidade – o “talvez” – a respeito do homem que preza a leitura e a escrita; universo pouco considerado sobre aqueles que habitavam os sertões.

É nas duas últimas décadas do século XIX que se configura o espaço que chamamos aqui de região norte do Ceará. Contribuiu sobremaneira para traçar o perfil dessa região, e da rede de comunicação que aí se constituiu, seguir alguns percursos, como a construção da ferrovia: em 1894, foi inaugurada a Estação da Estrada de Ferro de Sobral na recém-criada cidade de Ipu, que se constituiu como o ponto mais ao sul dentro do traçado que configuramos. Com a ferrovia, definia-se uma ligação entre o litoral e o interior, partindo de uma cidade que também abrigava um porto, como a cidade de Camocim, e chegando a Ipu, passando por Sobral. De tal maneira que a presença do trem concretizou uma ponte fundamental entre o litoral e o sertão, a envolver importantes lugares, como Sobral, significativo pólo de consumo e de produção da informação impressa, com um expressivo número de jornais publicados. Ao permitir o trânsito de variadas mercadorias, entre tantas, como o algodão, esta ponte também colocou em circulação os materiais impressos.

Entre as cidades localizadas ao longo da via férrea, Granja desempenhava papel estratégico no traçado da região norte, constituía-se em um dos principais entrepostos na circulação de mercadorias, ao contar com a presença de importantes firmas comerciais, que compravam parte da produção de produtos primários do restante da região, como algodão, couros, cera de carnaúba, etc., e as repassavam para Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e para a Inglaterra, como era o caso do algodão. Uma firma que se destacava era a *Ignacio Xavier & Cia*, em cujos livros copiadores de carta pode-se verificar uma grande quantidade de cópias de cartas comerciais, a maioria dirigida às cidades da região norte do Ceará, como Sobral, Camocim, Massapê, Cariré, Ipu, S. Cruz, Viçosa do Ceará, Barroão (atual Tianguá), Palma (atual Coreáú); havendo também para cidades de outros estados, como Parnaíba e Oeiras (Piauí), Recife (Pernambuco), Rio de Janeiro; e de outros países, como Manchester e Liverpool (Inglaterra).

Mais para o interior, outra cidade de destaque no sertão, depois de Sobral, era o Ipu, na Serra da Ibiapaba, cuja estação ferroviária era o centro da economia da cidade, pois, para o trem con-

vergia a considerável produção de algodão que ali se verificava. Também em Ipu se constituiu um grupo de intelectuais e homens de letras que se dedicaram, entre outras coisas, à publicação de jornais, almanaques e revistas, além de publicarem suas poesias em jornais de outras cidades, até mesmo do Sul do país.¹⁰

Assim como o Ipu, a cidade de Viçosa do Ceará tornou-se um dos principais pontos de convergência na circulação de jornais publicados em outras regiões, pólo consumidor da informação impressa, onde também se identificava a publicação de jornais e a emergência de um gabinete de leitura.

A investigação a respeito da existência de gabinetes de leitura na região pesquisada se mostrou caminho fértil por sinalizar a formação de espaços de leitura e de grupos de letrados. Tal caminho da pesquisa propiciou a descoberta de associações e clubes que mantinham relações com os gabinetes, o que sugere o trajeto seguido por muitos: seus membros e outros grupos, como livreiros, encadernadores, tipógrafos, estafetas, enfim, todos aqueles que constituíssem ramificações do circuito.

O trabalho junto ao acervo do Gabinete de Leitura da cidade de Ipu nos permite entender que, ao pesquisar este universo de questões, se faz necessário estarmos atentos aos elementos aparentemente insignificantes. Sinais, como carimbos apostos nas capas ou páginas dos livros, contendo nomes, endereços de livrarias, bem como anotações feitas entre as páginas, seja por seus antigos proprietários ou por leitores, reunidos, podem significar desenhos de trajetos da formação de grupos que liam, que ouviam, que formavam opiniões, que instruíaam.

No início do século XX, os fundadores e colaboradores do Gabinete Viçosense de Leitura exaltavam sua existência como “obra de valor e mérito”. Entre os vários discursos comemorativos do aniversário deste Gabinete, vê-se a insistência na defesa da importância da instituição que mantinha aberta ao público sua biblioteca, assim como assegurava para “os pobres” aulas notur-

¹⁰ Ver SOUZA, Eusébio de. *Chronica do Ipu. Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. XXIX, p. 157-243, 1915.

nas, curso com matrícula gratuita, além de suas reuniões em promoção, “propaganda da cultura cívica”. Afirmava Eduardo Fontelle, em discurso publicado no jornal *Polyanthéa*:

Como é comovedor o ver-se, no curso noturno, às horas das lições, os bancos cheios de creancinhas pobres attentos e ávidas do saber, recurvadas sobre os livros, como que supplicando àquellas letras grandes do ABC que lhes dêem aquillo de que tanto precisam – a innstrucção!¹¹

A instrução era tema recorrente entre os membros do Gabinete, associada constantemente ao civismo como faceta fundamental que definia a ação dos “devotados ao culto das letras e sobretudo da Pátria”. As grandes letras do ABC ganhavam força e sentido na organização da cidade, dos seus valores, comportamentos, de suas idéias. Faz-se interessante assinalar idéia desenvolvida por Davis quando discute a relação entre a palavra impressa e o povo e indica como possibilidade, como problematização, considerarmos um livro impresso como fonte de idéias, sim, mas, sobretudo, como um mensageiro de relações, em que seja possível conjecturar sobre campos de força, de atrito nas sociedades que se constituem, e envolvem diferentes sujeitos, instituições, hierarquias.¹²

A partir das cidades de Camocim, Granja, Sobral, Viçosa do Ceará e Ipu, torna-se possível examinar a configuração dessa rede através da qual a composição impressa circulava de forma dinâmica, levando-se em consideração as condições do período no que se refere aos meios de transporte. O meio mais rápido de circulação de materiais impressos era, sem dúvida, o trem. Por ele circulavam jornais e revistas a partir de Camocim, chegadas aí através dos paquetes que navegavam pela costa entre Recife, Fortaleza, Acaraú, Camocim e Parnaíba. Através deles, desem-

¹¹ 13 DE FEVEREIRO. *Polyanthéa*, Viçosa, Ceará. 1916, p. 2.

¹² DAVIS, Natalie. *Op. cit.*, p. 159.

barcavam no porto de Camocim jornais e revistas que eram remetidos aos assinantes da região norte, ou seja, de Granja, Sobral, Viçosa, Ipu, etc. A aquisição de jornais era uma prática comum entre os grupos abastados das cidades, sendo que as quantias destinadas ao pagamento de assinaturas de jornais figuravam, inclusive, na contabilidade das firmas comerciais.

As firmas comerciais exerciam, além da atividade comercial propriamente dita, a função de agentes financeiros, emprestando dinheiro para as mais diversas necessidades. Entre estas, figuravam quantias destinadas ao pagamento de assinaturas de jornais, requeridas por clientes que, a partir dos registros contidos em livros contábeis, se revelam enquanto consumidores e proporcionam uma visualização mais próxima da forma como era tratado o consumo de jornal. Este se afigurava um artigo de luxo, tanto que, para sua aquisição, eram contraídos empréstimos em dinheiro. Localizar operações comerciais específicas ligadas à cultura da impressão, nessa perspectiva, tem um sentido necessário que é reconhecer, através de dados indiretos, o circuito de difusão da imprensa que o cruzamento de informações pode proporcionar.

Firmas como a *Ignacio Xavier & Cia.*, que se apresentava como armazém de fazendas em grosso e a retalho e cuja especialidade era a compra de algodão, peles, couros, ceras e mais gêneros de exportação, emergiam como importante referência nas transações comerciais que envolviam desde cadernos, lápis, canetas a livros e jornais; além de serviços como o pagamento do “ordenado” de professores que mensalmente aparecia nos livros de contas. São dados reveladores das engrenagens pouco visíveis ou imediatamente imperceptíveis pelo pesquisador, exigindo do trabalho um processo de depuração, de desmontagem das teias, para reunir detalhes, perceber conexões, construir sentidos, que permitam entender os caminhos em que experiências específicas foram realizadas. A documentação de uma firma, *a priori*, poderia ser rejeitada ou pouco valorizada, por se tratar, em sua apresentação, de um comércio muito específico, mas analisar cada livro, cada linha, cada seção que compõe o material faz com que o historiador proponha outra lógica de leitura para as fontes.

Entre as possibilidades construídas e aqui destacadas há a identificação de jornais e revistas de variedades que também eram consumidas na região. Em meio a peles, couros e algodão, rastream-se papéis, cartilhas, folhas. Chegava à cidade de Sobral, por exemplo, uma gama de revistas de caráter nacional e internacional, entre as quais se verifica uma recorrência de revistas caricatas e francesas. A descoberta desta circulação de revistas nacionais, como *O Malho* e *Tico-Tico*, *Ilustração Brasileira* e *Revista da Semana*, que grassavam como produtos desvendados nos papéis do comércio, efetuou-se no acompanhamento do movimento de negócios e clientes, perseguindo “nomes” e “como”¹³. Em 1907, na firma *Ignacio Xavier & Cia.*, encontra-se, entre tantas transações comerciais, o dinheiro recebido referente ao pagamento de assinatura de “*Paiz, Malho e Tico-Tico*” no valor de “75.500”. O mesmo ocorre com jornais locais – *O Rebate, Jornal do Ceará, Folha do Povo* – seguindo uma lista de nomes e de pagamentos de assinaturas.

Nos livros de contas e livros caixa, verificam-se pagamentos referentes a várias assinaturas de jornais que mostram uma geografia ampla de nomes de pessoas, de firmas e lugares por onde as folhas passavam: quem as solicitava, quem as remetia, o que era enviado, a quantidade, os valores pagos, os períodos mais intensos de pedidos e os menos intensos.

Os caminhos e os meios de transporte desses materiais impressos eram os mais diversos. Assim, os jornais que tinham como destino as cidades e povoados localizados na região do Vale do Acaraú seguiam a partir de Camocim direto através da ferrovia, sendo desembarcados nas estações. Ali eram recebidos pelos agentes postais ou pelo próprio assinante, que buscava suas encomendas.

Outro era o caminho percorrido para que se chegasse à Serra da Ibiapaba. Transportados de Camocim até Granja via trem,

¹³ GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991, p. 179-202.

jornais e revistas seguiam dali para Viçosa do Ceará e demais cidades da Serra da Ibiapaba sob a guarda de estafetas, condutores de jumentos e burros que desciam as ladeiras em direção a Granja e Camocim e, dali, voltavam com seus animais carregados de mercadorias, entre elas, jornais e revistas. O estafeta fazia a entrega ao agente do Correio em Viçosa, o qual procedia a entrega ao destinatário final.

Os assinantes de jornal se dirigiam ao Correio em determinado dia da semana para receber os seus jornais que, dadas as condições já expostas, chegavam à Serra com vários dias de atraso, se considerado o tempo gasto pelo pacote em viagem para Camocim, pelo trem para Granja, e do estafeta que seguia a pé ladeira acima na direção de Viçosa.

As revistas estrangeiras parecem ter seguido caminho um tanto mais complexo. À primeira vista, podemos supor que chegassem ao Brasil encomendadas por alguma livraria e, a partir desta, chegavam aos leitores, o que nos faz prosseguir pensando nas livrarias e livreiros como prováveis intermediários, indispensáveis, entre os leitores e a editora ou o que pudesse compor este universo. A ausência de carimbos e selos de livrarias brasileiras nas citadas revistas dificulta parte do trabalho de identificação, mas, ao mesmo tempo, pode apontar na direção de outra via de aquisição. De todo modo, é possível aferir, a partir de anúncios de jornal, que havia uma prática de consumir este tipo de impresso. Algumas revistas estrangeiras eram citadas e comentadas nas redações e seus artigos incorporados à publicação do jornal, o que demonstra um sentido de expansão de referências que poderiam ir além dos autores locais.

A incursão pela documentação esbarra em comerciantes vários, padres, professores, tipógrafos, estafetas, condutores de animais, todos a dar movimento à circulação de mercadorias impressas. Darnton destaca a importância de se considerar a experiência dos intermediários esquecidos - “os tropeiros, fabricantes de papel, tipógrafos, carroceiros, livreiros e até leitores” -, pessoas que fizeram funcionar um sistema que produzia e difundia livros. Esta idéia desenvolvida por Darnton provoca a discussão sobre a

riqueza de composição do sistema de produção e difusão, abrindo janelas para pensar a respeito das diferentes historicidades e processos da comunicação¹⁴.

A leitura do jornal *Correio do Norte*, hebdomadário, impresso, pertencente à cidade do Ipu, revela algumas pistas a respeito da circulação de jornais, revistas e almanaques na região norte do Ceará. Uma primeira observação diz respeito ao termo freqüentemente empregado pelos homens de letras daquele período, começo do século XX, para designar o que chamamos “região norte”. Percebe-se o uso da expressão “zona norte”, demonstrando uma incorporação da maneira segundo a qual vendedores, negociantes e representantes comerciais, que circulavam pela região fazendo uso dos trens da Estrada de Ferro de Sobral, se referiam comumente àquela região.

O mesmo jornal aponta para uma prática que parecia recorrente no espaço da redação a respeito da circulação de livros. A redação ganhava livros, muitos enviados pelos autores em troca do “reclame”, da propaganda que era feita e publicada nas edições seguintes. Alguns autores chegavam a se deslocar para as cidades, com o objetivo de proferirem conferências literárias e divulgarem o trabalho. O jornal também anunciava livros que seriam encontrados para a compra em tipografias, como é o caso, por exemplo, da tipografia da revista *O Campo*, revista de divulgação mensal, que pertencia ao Sindicato Agrícola Ipuense. Do mesmo modo, os anúncios de firmas comerciais publicados em jornal confirmam a presença de livros escolares para a venda no comércio, destacando-os como “bons livros para presente”.

Quanto às revistas, há anúncios constantes sobre recebimento de exemplares diversos. A repetição de títulos e a frequência com que apareciam expressam que a aquisição poderia ter sido uma prática comum. São títulos: *Mundo Brasileiro*, *Ceará Revista*, *Boletim da União Pan-Americana*, *O Aprendiz*, *Tico-Tico*, *O Malho*,

¹⁴ DARNTON, Robert. “Os intermediários esquecidos da literatura”. In: *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 132-145.

Para Todos, Leitura para Todos, Careta, Ilustração Brasileira, Eu Sei Tudo, Revista da Semana, Scena Muda, Reco-Reco (Camocim), Brazila Vivo (Fortaleza), O Norte, Revista Phenix (Fortaleza), O Beija Flôr (infantil), Jandaia (Fortaleza), entre outras. Em alguns casos, sublinha-se que a aquisição de revistas e al-managues poderia ser feita na própria redação do jornal, com o tipógrafo, como aparece em anúncios de venda dos títulos *O Malho, Tico-Tico, Para Todos, Leitura para Todos e Ilustração Brasileira*.

A relação entre redação de jornal e comércio de livros e revistas indicia uma prática que parecia comum na região norte do Ceará. Revela traços de uma dinâmica das relações sociais que constrói e interliga diferentes atividades e sujeitos, constituindo esta dimensão de viver a cidade e ao mesmo tempo fortalecendo a comunicação impressa.

Na virada do século XIX para o século XX, vários jornais de pequeno formato, alguns manuscritos, surgiram na região. No Ipu, por exemplo, apareceram cerca de dez jornais, entre os anos de 1880 e 1900, a maioria manuscritos e alguns impressos, sendo o primeiro deles *O Ipuense*, impresso na *Tipografia d'Ordem*, em Sobral. Recortando as cidades, Ipu, Sobral, Camocim, Massapê e outras que podem compor o quadro dos produtores de imprensa no Ceará neste período, observamos jornais e revistas que se definem como críticos, humorísticos, literários, esportivos, de estudantes, ligados à agricultura, à instrução; com periodicidades mensais, quinzenais, semanais; manuscritos, datilografados, impressos.

Havia uma dinâmica no uso dos espaços tipográficos. Mesmo existindo pequenas oficinas tipográficas nas cidades, como Ipu, que, em 1918, publicou o jornal *Correio do Norte* impresso em "oficinas próprias", vários serviços de maior porte ou que contassem com maior recurso destinavam-se a cidades maiores para que ali fossem realizados, o que promovia sociabilidade, troca de informações, laços de interesses comerciais.¹⁵

¹⁵ IPU-CE. Prefeitura Municipal de Ipu. *Álbum comemorativo da passagem do primeiro centenário de Fundação*. Fortaleza: Editora Tipografia União, 1940.

Quanto à existência de livros por entre essas cidades, observa-se uma quantidade expressiva editados em Portugal e na França, segundo levantamento realizado em acervos de bibliotecas pertencentes a gabinetes de leitura. Como chegavam até esses lugares? Quais os meios utilizados até chegarem às prateleiras? Alguns indícios apontam para uma trajetória composta por vários momentos. O primeiro momento possível de chegada ao Brasil poderia ser em alguma livraria do Rio de Janeiro. Depois, eram conduzidos para o Nordeste, especialmente para livrarias de Recife e Fortaleza, como a *Livraria Ribeiro*, estabelecida no número 198 da Praça do Ferreira, no centro de Fortaleza. Ainda em pacotes, aportavam em Camocim, provavelmente na bagagem de algum bacharel, estudante, médico, jornalista, padre ou qualquer outro portador que se interessasse em comprar livros para si ou sob encomenda de outrem. Existiam, também, livrarias de algumas capitais – principalmente do Sul do país – que ofereciam a possibilidade de compra de exemplares de seus estoques pelo correio mediante prévia encomenda.

Livrarias eram estabelecimentos raros na região norte do Ceará até a primeira década do século XX¹⁶. As firmas comerciais existentes nas cidades contavam em seus estoques com certa variedade de materiais para escrita, como livros em branco destinados à escrituração comercial e cartorial, penas e tinteiros, lápis, canetas, material didático como cartas de ABC, tabuadas, livros de primeira leitura, livros de segunda leitura, livros de terceira leitura, livro *Vida Prática*, cartilhas, catecismos e missais acompanhados de exemplares da célebre obra *A imitação de Cristo*, livro de aforismos cristãos. A quantidade de pedidos e recebimentos

¹⁶ Em 1918, o Gabinete de Leitura Ipuense recebeu de Abílio Martins, deputado na Assembléia Estadual pelo PRC, a doação de um exemplar do *Petit cours de litterature française*, o qual traz um carimbo da livraria “M. Cialdini & Filho”, de Sobral. Em todo o acervo, não foi encontrado mais nenhum livro com referência a livrarias de Sobral. Pela “Agência Philatelica O Globo”, de Camocim, passou o exemplar de *A sonata a Kreutzer*, de Tolstoi, antes de chegar ao Gabinete de Leitura Ipuense.

denota a existência de uma procura considerável por este livro e justificava sua inclusão no estoque das firmas comerciais, ainda que não diretamente dedicadas ao comércio de livros.¹⁷

No final do século XIX, o que poderia significar a reunião de materiais que abrangem desde livros de leitura a catecismos e tantos outros livros religiosos na organização da instrução no Ceará? Um inquietante caminho de reflexão é proposto por Jean Hébrard, em seu texto “A escolarização dos saberes elementares na época moderna”, quando afirma que “seria muito difícil de precisar, quando uma criança recita o *Pai nosso* em seu abecedário, se se trata de uma lição de leitura ou de uma lição de religião”; seja como for, sugere existir uma articulação entre ambas, que podemos associar ao que o autor mesmo denomina como “dispositivos de instrução”.¹⁸

Todo o trajeto percorrido pelos livros, jornais, revistas e outros materiais impressos, como cartas particulares e comerciais, configura uma rede que liga diferentes localidades do norte do Ceará entre si e também a outros pontos situados fora da região.

Internamente, o meio de comunicação impressa que circulava com mais intensidade eram as cartas. É necessário destacar a importância das correspondências comerciais nesse período, por serem representativas de um fluxo de informações que podem também mostrar etapas do processo de aquisição e distribuição.¹⁹ Todas as transações entre as firmas comerciais eram realizadas por meio de cartas comerciais e de telegramas, os quais tratavam, principalmente, da cotação do preço do algodão, do couro, da cera de carnaúba. Informavam sobre as operações de transporte de mercadorias e valores por meio dos pacotes que navegavam entre Fortaleza, Acaraú, Camocim e Parnaíba. E existia, ainda, um sem número de cartas com pedidos que fugiam às mer-

¹⁷ IGNÁCIO Xavier e Cia. Livro de receitas, Granja-CE, 1898.

¹⁸ HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 1, 1990.

¹⁹ Ver DARNTON, Robert. A filosofia por baixo do pano. In: *Revolução impressa. A imprensa na França. 1775 – 1800*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 49-76.

cadórias convencionais.

Com a implantação da Estrada de Ferro de Sobral, o trem passou a ser o meio mais rápido de condução de cartas para o interior da região. Verifica-se uma relação direta entre a velocidade de condução das cartas e o consumo de livros copiadores. Na firma *Ignacio Xavier & Cia*, consumia-se um livro copiador a cada dois meses, aproximadamente. Considerando que cada livro continha cerca de quinhentas folhas, e que, cada folha, servia para a cópia de uma carta, às vezes duas, ocorria uma média de duzentas e cinquenta a trezentas cartas emitidas por mês. O mesmo acontecia com os telegramas. Os respectivos livros copiadores continham cerca de duzentas folhas e eram consumidos em um ano e meio, aproximadamente. O que aponta para a emissão de uma média de vinte a trinta telegramas ao mês, visto que estes, por se constituírem de textos curtos, eram copiados sempre de dois a três por folha.

Pode-se considerar que tal quantidade de cartas apresenta uma intensidade significativa no movimento de circulação de pedidos, entregas, empréstimos, situações que levam à formação de canais pelos quais passaram os materiais impressos na região. Juntos, livros, revistas, jornais, cartas e telegramas constituíam, a partir de sua circulação, uma rede de comunicação que ligava as cidades da região entre si e a outros centros mais desenvolvidos de outras regiões do país. Para que essa circulação se realizasse, ou seja, para que essa rede tomasse forma, foi imprescindível o concurso do trem enquanto meio de transporte mais rápido do momento. Isso não inibiu a existência de outro tipo de condução. Na Serra da Ibiapaba, o trânsito da informação impressa era realizado de forma mais lenta, pois ainda contava com o transporte por meio de animais de carga, atravessando ladeiras íngremes. Pelo trem ou em cargas transportadas por animais, de todo modo, os materiais chegavam a seus destinos.

²⁰ Ver DARTON, Robert. "Primeiros passos para uma história da leitura". In: *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. Op. cit. p. 146-176.

Atravessar livros os mais diversos que trabalharam o tema da imprensa ou que indiciam a vida social das cidades; ler relatórios de presidentes de província que registram a presença dos jornais, a existência de escolas, de bibliotecas, o comércio; investigar documentação que aponta o fluxo de “mercadorias impressas”; reunir jornais e revistas compõe uma estratégia para despertar semelhanças e repetições, para descobrir campos de indícios fragmentados que podem nos levar a entender as dinâmicas próprias das pequenas cidades do sertão. Talvez as evidências levantadas possam nos ajudar a interrogar não só sobre a natureza das experiências de leitura, mas, sobretudo, da vida e das relações sociais construídas em determinados momentos.²⁰

Recebido em setembro de 2008
Aprovado em dezembro de 2008